



Evento	Salão UFRGS 2014: SIC - XXVI SALÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UFRGS
Ano	2014
Local	Porto Alegre
Título	IMAGENS POR TRANSFERÊNCIA. DA GRAVURA À ARTE IMPRESSA
Autor	JÚLIA ARAUJO MOREIRA
Orientador	HELENA ARAUJO RODRIGUES KANAAN

A pesquisa tem início no Ateliê de Gravura do Instituto de Artes da UFRGS, a partir da prática com diferentes modos de imprimir. Percebe-se que esse modo de constituir imagem, desenvolve-se em um percurso de cruzamento entre linguagens, conceitos e temporalidades. O fazer da gravura, chamado pelo historiador Georges Didi-Huberman (1996) de pré-história da imagem, inscrição ou duplicação, é um procedimento híbrido por excelência, tendo início na criação sobre uma matriz, desenho ou marca, gravação ou memorização, que pode ser com sulcos, reações químicas, ou virtual e, posteriormente, a transferência dessa, para outro suporte, tornando-se a imagem impressa. O foco da pesquisa está em desviar as regras rígidas da gravura e ampliar o olhar para modos de imprimir, expandindo o Ateliê de Gravura para um Ateliê de Arte Impressa. Com isso tem-se por um lado o que se compõe no proceder que se liga à ação técnica e se constitui na formalidade operacional, por outro, o processo e os conceitos que se desvelam no fazer e revelam o espaço da transitividade, experimentando e resgatando antigos procedimentos imagéticos de impressão e multiplicação como cianotipia, kalitipia, goma arábica, modos experimentais como a monotipia e carimbo, permutando com máquinas de reprodutibilidade como os chamados xerox, offset e infografia, mantendo cruzamentos com a imagem da litografia, serigrafia, gravura em metal e xilogravura.

Mantém-se uma prática apoiada no método da pöiética e da cartografia, nas quais segue-se a experimentação de ateliê com reflexão paralela, fazendo anotações do passo a passo em um 'diário de bordo'. O método da pöiética foi proposto por Paul Valery (1999), no qual a pesquisa se desenvolve no vai e vem entre prática e teoria, com campo de trabalho delimitado, porém sem fronteiras rígidas, pois busca-se na experiência a constituição de novas visualidades com novos suportes e novas linguagens plástico visuais. O método da cartografia (DELEUZE, G., GUATTARI, F., 1995) também acorda com nossas propostas, pois, é o método que segue a trilha da prática e dela retém os momentos que contém as diferenças, acessando os desvios, estimulando o movimento dos acontecimentos que se dão ao pesquisador, possibilitando o acompanhamento das objetividades e subjetividades que se fazem no processo.

O grupo está em fase inicial, estamos nas primeiras experimentações com técnicas convencionais e não convencionais de imprimir. Precisamos partir das regras e do passo a passo para depois abarcar os desvios como interferências que contribuem no resultado. Já temos impressas algumas imagens com cruzamentos decididamente compatíveis. A experiência busca encontrar: qual tipo de papel aceita uma impressão com cianotipo? É possível ampliar uma imagem para revelar em marrom Van Dyck? A litografia deve ser impressa antes ou depois da serigrafia quando for no mesmo papel? Quais outros suportes além de papel abrigam uma imagem de transferência? Qual a durabilidade? Como ultrapassar as dimensões das matrizes e criar uma imagem maior? A impressão calculada mistura-se aos acasos gestuais, aos contatos fortuitos, ao vento que sopra, ao calor e a luz forte que invade o ambiente em um dia de sol forte. Mesmo que ainda comprometidos com regras, a condição contemporânea do experimentalismo e do híbrido, agrega-se à prática da gravura tradicional e aponta novas possibilidades de transmissibilidade de imagem. A investigação se faz no sentido de conduzir a técnica, os materiais e os instrumentos que são intrínsecos da gravura, ampliados à arte impressa, produzindo obras de arte para a contemporaneidade, cruzando recursos do ontem a fim de ser registro no amanhã, com análises no coletivo discente e docente, participando de mostras e seminários.